

A FOLHA

Nova Iguaçu, 11 de agosto de 1974

Como Idéia, Deus Tem Sido um Fracasso

— «Sabe, aquele soldado é um cara formidável. A gente foi ao jogo ontem. O cara é animado pra caramba! O nome dele é João». Fiquei pensando nesta frase do Eduardo sobre o soldado que veio morar três casas abaixo da nossa. Por dois meses, era apenas o soldado: «Lá vem o soldado!» «O soldado saiu cedo!» «O soldado não é casado!» De repente o soldado começou a ser alguém, «um sujeito animado», «um cara formidável». Botar uma etiqueta nas pessoas é nosso modo, moralmente aceito, de afastá-las para longe de nós. Toda manhã, o rapaz bate à nossa porta, quem é? É o leiteiro, é o padeiro, é o correio. A pessoa desapareceu, tornou-se função: é o leiteiro a semana inteira, o ano todo, anos a fio. Pusemos nele uma etiqueta e o catalogamos conforme sua função social. É uma exigência de nossa sociedade organizada, utilitária e prática. Toda pessoa é uma função e uma etiqueta: o polícia, o padeiro, o professor, o padre, o delegado. Quem são eles como gente nós não sabemos.

A etiqueta pode ser ditada por traço físico ou moral, bom ou ruim, e não mais pela função social. É então o simplório, o bonzinho, o cara-fechada, o simpático, o gordo da esquina. Outras vezes a etiqueta nasce das idéias e posições políticas ou religiosas: o conservador, o reacionário, o subversivo, o pra-frente. Mas quem são eles como pessoas, não sabemos. E toda vez que uso a etiqueta, me distancio deles, substituo-os por sua utilidade, pela função, pelas suas qualidades ou defeitos. A pessoa fica de lado, inacessível em suas esperanças e angústias. Basta fazer uma experiência contrária, como fez Eduardo, e aparece a pessoa de carne e osso, que se anima, procura e sofre como todos nós.

Foi pensando neste vício comum a todos nós de botar etiquetas nas pessoas e fazer delas uma função e objeto que o profeta nos advertiu que Deus está acima de todo nome. Ninguém será capaz de nomeá-lo, isto é, de pôr nele um nome. O homem domina as coi-

sas a que pode dar um nome, mas Deus ninguém dominará. De fato, caímos com frequência no vício de tratá-lo como o vizinho, o soldado, o gordo da esquina, isto é, de botar nele um nome e uma etiqueta conforme sua utilidade para nós. Ou fazemos dele o Ser Supremo, idéia necessária para justificar nossa maneira de entender o mundo, ou o Juiz que castiga os perturbadores de nossa paz. Houve um vice-rei da época colonial que escreveu algo chocante para nós: «Só há dois modos de manter na submissão o povo revoltado contra o derrame do ouro: o chicote do feitor ou o crucifixo do missionário». Para ele era normal: estava certo que Deus estava do seu lado contra o povo, pois Deus era a favor da ordem do rei.

Um filósofo, querendo ser irreverente, escreveu que «Deus é uma idéia supremamente inútil». Tem razão. O que é útil? O que serve para alguma coisa. Um copo é útil para servir água, uma cesta é útil para trazer as compras da feira, o cabide é útil para pendurar o chapéu. Mas Deus não é objeto útil, ele é uma Pessoa. Não é uma idéia útil, é Alguém. Não posso me servir de Deus para educar bem as crianças ou para manter o povo na ordem que me interessa ou impor a paz que julgo melhor. Deus é Alguém com quem entro em comunhão, em quem confio, a quem amo. Na medida em que o encontro com ele me transforma é que me torno mais justo e mais fraterno. Ora, não é isso que, em geral, se procura na religião. Religião é boa quando é útil para resolver os meus problemas.

Enquanto o homem não superar o vício de fazer da religião uma coisa «útil» para quebrar seus galhos, não encontrará a Deus. O caminho para superar este obstáculo é vencer o vício de fazer dos outros uma etiqueta e de utilizá-los conforme eles me interessam. Esta tendência é vencida pelo amor e pelo dom de si. «Quem não ama não conhece Deus, porque Deus é amor».

CATABIS & CATACRESES

Onde o Ouro Fala Tudo Cala

1. Sociologia do Chacrinha, na rua da amargura: «Se um calouro não tem dentes eu sou culpado? Não posso botar os dentes de toda a população brasileira» (Opinião 03.06.74). Mas claro, Chacrinha, se nem o governo pode?

2. Geoeconomia do Dr. Reuben Jansen, presidente da GM (General ou Generous Motors), exaltando o apoio recebido em Minas Gerais de governo e certamente de classes conservadoras: «O Brasil é um oásis» (Opinião 03.06.74). O que casualmente resume artigo do Dr. Bulhões (Visão 13.05.74), onde se lê entre outras flores esta perfumosa flor de oásis: «Vários países em desenvolvimento deixam-se embalar por políticas nefastas aos investidores estrangeiros. O Brasil

constitui importante exceção. Não podemos perder essa oportunidade».

3. Comentário de Visão (13.05.74) a respeito do ex-Portugal salazarista: «Um dos argumentos mais usados pelos governos ditatoriais é o de que o povo não está suficientemente amadurecido para a democracia». Por aqui tem doutor que pensa tal qual.

4. Provérbio da semana: «Não há cerradura se de ouro é a gazua», no qual cerradura quer dizer fechadura. O sentido não tem problema. Mas se tiver, o Dr. Folclore apresenta outro quase sem metáfora, a saber: «Onde o ouro fala, tudo cala». Tá óbvio?

IMAGEM NA VELHICE DE BOLSA MARROM

1. Bebericando no bar, sem ocupação, sem cuidado, pra que cuidado se a vida corre bacana, sem calços nem precalços, aventureira no sem ritmo, cheia de riscos previstos, imprevistos, sempre aceitos? pra quê? Veja só: agorinha mesmo aqui no bar esta bolsa de couro marrom. É minha, é minha. E seu João José após a Brahma pega a bolsa, esquecida ou perdida, como se fosse minha, e sai de mansinho, sem calços, sem precalços, despreocupado, até um ponto calmo da rua mais tranqüila, poucos passantes, nenhum guarda. Bacana.

2. E abre, abre e pasma felizardo. Meu Deus, vinte e cinco dólares de maconha, vinte e cinco arrumadinhos na bolsa marrom. E como ele vive inserido no contexto, calcula os vinte e cinco dólares a doze cruas, multiplica, são exatamente trezentos, que eu ganhei sem fazer esforço, tudo lucro, bacana, tudo porta aberta para mais cervejinhas e batidas, pra camisa nova, pra calça nova, renovação do miserável guarda-roupa, quando de repente, na calma da rua mais tranqüila, a voz se impõe: Teje preso. Que-qué isso aí?

3. E seu João José, tranqüilo, tenta explicar a sorte grande, sem fazer concessões à maconha. A polícia endurece orelha, olho, mão, coração, e tudo vai ao distrito. Nome: João José Marques. Nacionalidade: brasileiro. Idade: noventa e oito anos. O quê? Sim senhor, noventa e oito anos, coisas da vida, doutor. Sabe? eu já fui preso muita vez por vadiagem, por maconha nunca. Coisas da vida, doutor, que sou velho de respeito. O delegado pára. Reflete. Coça. E decide: desapareça, desapareça e veja se se emenda, velho safado! (A. H.).

A FOLHA

Ano 2 - 11 de agosto de 1974 - Nº 113

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

QUESTÕES ATUAIS

Profetismo da Igreja e suas estruturas visíveis

Estruturas visíveis: realidade e ideal.
Um exemplo da Idade Média: Inocêncio
III-Francisco de Assis-Domingos de Gusmão.
A Igreja deve questionar-se ou não?

A FOLHA:

O Sr. acha que a Igreja, nas suas estruturas visíveis, por ex. na sua organização, na sua política, na sua participação comunitária, na sua inserção temporal, etc., anuncia realmente a Cristo como único salvador dos homens? Ou não acontece que as estruturas impedem o crescimento de muitos homens na fé e sua marcha para o Pai?

D. ADRIANO:

Tenho plena certeza, com a certeza da fé no mistério da salvação que se realiza em Cristo e na Igreja, tenho plena certeza de que a Igreja será sempre fiel à sua missão profética. Na sua essência a Igreja não pode deformar o mistério da libertação nem a boa-nova que anuncia esta libertação. A história da Igreja confirma essa opinião. Através dos tempos e de todas as vicissitudes tem havido sempre na Igreja um fermento evangélico que nunca deixou de atuar sobre o homem pecador, sobre a massa do pecado.

Mas convém esclarecer que essa atuação da Igreja em profundidade nem sempre coincide com sua hegemonia política ou hierárquica. Há quem considere o papel da Igreja com os mesmos olhos políticos e sociológicos com que considera a evolução das comunidades e das culturas, o apogeu e o declínio das nações.

Claro, podemos acompanhar a história da Igreja como acompanhamos a história do Brasil ou de Portugal ou da Literatura, etc.: como olhos de ciência ou de filosofia, e sem dúvida descobriremos que, apesar de tudo, ainda é grandioso o que a Igreja tem realizado nos campos das ciências e das artes, da cultura e da civilização. Mas essa perspectiva é, para o cristão de fé, superficial e incompleta. O mistério da Igreja é um mistério da fé. E só pode ser sentido por aquele que tem fé. A visão da Igreja é necessariamente teológica, se pretendermos que se aproxime da sua plenitude.

É por isso que os grandes momentos da Igreja independem de seu fracasso ou de seu sucesso político. Na sua natureza mais autêntica e mais profunda a Igreja nada tem que ver com a política, ainda que seus representantes mais qualificados na hierarquia e no laicado em cer-

tos períodos históricos se julguem e atuem como portadores de uma missão política.

Um exemplo da Idade Média.

Politicamente Inocêncio III (que exerceu o sumo pontificado de 1198 a 1216) foi um dos papas mais importantes de toda a história eclesial. Uma de suas metas era, como "vigário de Cristo", assegurar para o papa a supremacia sobre todo o povo cristão, com poderes sacerdotais e régios, acima de todos os príncipes cristãos que lhe deviam vassalagem e obediência. Podia isto ser uma visão grandiosa e um plano grandioso, no caminho da "cidade de Deus" que S. Agostinho imaginava já como realidade temporal. O esforço de Inocêncio III, sem dúvida uma personalidade genial, foi desmentido pela história posterior da Igreja. Cada século trouxe para a Igreja um novo tipo de despojamento político que ainda não terminou. Nem por isso a Igreja deixou de ser o que ela deve ser: profecia da libertação em Cristo. É curioso: o que do pontificado de Inocêncio III ficou na Igreja, não apenas na história, mas na vida da Igreja foi o movimento de renovação interior que teve seus pontos altos em Francisco de Assis e em Domingos de Gusmão. Honra seja feita ao pontífice político, dominador, ambicioso que foi Inocêncio III: percebeu o profetismo da Igreja expresso, entre outros, no movimento franciscano e dominicano e incentivou-o com entusiasmo. A missão profética da Igreja no tempo de Inocêncio III não se realiza na sua atividade política de monarca temporal: realiza-se no movimento de renovação evangélica.

Esse e outros exemplos de que a história da Igreja está cheia — inclusive na história contemporânea e nesta história que a duras penas vamos vivendo e escrevendo com sangue — nos ensinam mais uma lição: para ser fiel a Jesus Cristo, esta Igreja deve ter a humildade evangélica de sempre se questionar, de sempre se purificar, de sempre voltar às fontes puríssimas do evangelho e das melhores tradições cristãs. Daí por que a Igreja tem de reexaminar sempre de novo as suas estruturas visíveis, para purificá-las de formalismos estereis, para torná-las mais compreensíveis, para fazê-las, da melhor maneira possível, participantes de sua formidável missão profética.

PARA você participar do CULTO DOMINICAL

11 de agosto de 1974 — 19º domingo do tempo comum

Para a comunidade cristã seguir Jesus Cristo não basta conhecer a doutrina aprovada oficialmente pelo Bispo da Diocese. Isto faria dela apenas comunidade ortodoxa, quer dizer, comunidade instruída na verdadeira doutrina católica. É preciso ainda que ela viva de acordo com a fé ou com a mensagem do evangelho. As leituras de hoje vêm em nosso auxílio, ensinando que a fé é antes de tudo uma vida, um estilo de viver e manifestar a presença de Cristo no meio dos homens. A primeira leitura fala da fé como confiança na promessa de salvação, confiança que é fonte de paz interior e de alegria. A segunda leitura diz que pela fé possuímos desde já o que esperamos. Por isso, a fé ilumina todas as coisas e, em todos os acontecimentos, faz descobrir a presença de Deus que nos conduz, nunca permitindo que nos instalemos. O cristão deseja sempre mais justiça e fraternidade, está sempre à procura do melhor. Pela fé, estamos sempre a caminho nesta direção, ensina a terceira leitura. O valor relativo dos bens deste mundo nos torna viajantes que estão passando por aqui, na expectativa do Senhor que está para chegar. Não dá para mudar a roupa da viagem e se instalar por aqui, porque a espera é curta.

1. CANTO DE ENTRADA

Bem-vindo, bem-vindo, meu irmão, à casa de oração,

Bem-vindo, bem-vindo, meu irmão, à casa do Senhor.

É bom estar aqui mais uma vez pra louvar e agradecer o nosso Deus.

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

Teu povo se reuniu, Senhor, teu povo se reuniu,

Teu povo se reuniu pra louvar teu nome santo e viver a tua paz.

Teu povo se reuniu, Senhor, teu povo se reuniu,

Teu povo se reuniu para ouvir a tua voz
E lembrar o teu amor e o mundo saberá
Que somos povo de paz, povo do Senhor.

2. SUGESTÕES PARA O ATO PENITENCIAL

Ter fé é confiar. Não se trata de confiança presunçosa em nós mesmos. Pela fé confiamos em outro, isto é, em Cristo e sua palavra. Por isso a fé é um encontro que nos tira das trevas à luz. Para haver encontro é preciso que eu procure; para chegar à luz é preciso que eu me liberte do que acorrenta. Não pode haver encontro com Cristo sem conversão. Não nos convertemos de uma vez, mas todos os dias. Não vou encontrar o Cristo, se

vivo na auto-suficiência, pois o orgulho não leva Deus em conta. Só aquele que pratica a verdade é que vem à luz, ensina Cristo. Isto nos leva a viver em permanente revisão de nossa vida. Façamos a nossa revisão e peçamos que Deus nos liberte da auto-suficiência presunçosa frente aos nossos irmãos e também aos que não possuem a mesma fé que nós.

3. CONFISSÃO DOS PECADOS

4. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

Glória, glória, glória, aleluia,
Ao Deus que é nosso Pai e Senhor.
Vamos viver no seu amor!

5. ORAÇÃO

Deus eterno e todo-poderoso, a quem ouvimos chamar de Pai, dai-nos cada vez mais um coração de filhos, para alcançarmos um dia a herança que prometestes.

6. I LEITURA

A fé é confiança numa promessa que o homem não pode realizar com suas forças. Esta confiança filial agrada a Deus, inspira sentimentos de paz e estimula a procura de uma vida reta.

Sab 18,6-9: "Aquele noite tinha sido conhecida de antemão por nossos pais para que, sabendo bem em que juramentos confiavam, ficassem cheios de coragem. Assim o teu povo esperava tanto a salvação dos justos como a perdição dos maus. Destruindo os nossos inimigos, nos convidaste para a honra de ser o teu povo. Por isso os filhos dos justos ofereciam sacrifícios escondidos, combinavam guardar a aliança divina, participar dos mesmos bens e dos mesmos perigos e cantar os hinos de seus pais". — Palavra do Senhor.

7. II LEITURA

A fé faz olhar para o invisível e para o futuro. É garantia ou maneira de possuir desde já o que se espera. É meio de conhecer desde já o que ainda não vemos. Reconhecemos a fé mais na vida dos santos que nos livros.

Hbr 11,1-2.8-12: "Irmãos, a fé é a garantia dos bens que esperamos e a prova das realidades que não vemos. Ela é que deu um grande nome aos nossos antepassados. Pela fé, Abraão obedeceu ao ser chamado e partiu para a terra que haveria de ser sua, mesmo sem saber aonde

de estava indo. Pela fé, morou na terra prometida como se fosse terra estranha. Viveu em tendas, ele, Isaque e Jacó, os herdeiros da mesma promessa. Esperava uma cidade fundada sobre alicerces cujo arquiteto e construtor seriam o próprio Deus. Pela fé, a estéril Sara recobrou o vigor e teve um filho já fora da idade, porque creu na fidelidade daquele que havia feito a promessa. Por causa da fé, de um homem já marcado pela morte, nasceram filhos tão numerosos como as estrelas do céu e como as areias incontáveis nas praias do mar". — Palavra do Senhor.

8. CANTO DE ACLAMAÇÃO

Meu Deus me fala sempre aonde eu estiver,

Sua palavra tem amor e o que ele diz me faz feliz,

A palavra do Senhor tem sentido, eu vou ouvir a palavra do Senhor.

9. III LEITURA

O cristão não pode instalar-se neste mundo como se aqui fosse sua moradia definitiva. Deve estar sempre preparado como um homem que vai viajar.

Lc 12,35-40: "Jesus disse aos seus discípulos: "Estejam cingidos os seus rins, fiquem de lâmpadas acesas, sejam como empregados que esperam o patrão que está para chegar numa festa de casamento para que, assim que ele bater na porta, vocês possam abrir. Felizes aqueles servos que o patrão encontrar vigilantes. Eu lhes garanto: ele se cingirá, fará os servos sentar à mesa e os servirá. Mesmo que chegue na segunda vigília ou na terceira, felizes os servos se o senhor os encontrar vigilantes. Vocês sabem muito bem que, se o dono da casa soubesse a hora em que o ladrão haveria de chegar, vigiaria e não deixaria assaltar a sua casa. Vocês também estejam prontos porque, na hora em que menos esperarem, o Filho do Homem há de chegar". — Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

11. SUGESTÕES PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS

A Igreja nos ensina hoje a condição essencial da vida humana, que é passagem no meio das coisas deste mundo. O viajante vai olhando, vai usando e vai em frente, na direção da sua casa, onde os seus estão esperando. Por isso ele não carrega muito peso, reprime o egoísmo e aceita que os bens do caminho sirvam

para a satisfação de todos. Sabe que nada adianta abarcar uma segurança material que não existe. Elevemos as preces para que Deus dê à nossa fé este desapego.

- Pelos que na Igreja ocupam cargo de responsabilidade, para que tenham a coragem de defender o que é justo e condenar o que é injusto.
- Pela nossa comunidade, para que aprenda a importância de agir conforme a verdade e se afaste de toda atitude mentirosa.
- Para que cresça em nós o empenho na luta pelo amor fraterno, reprimindo o nosso egoísmo e nos preocupando com a sorte dos outros.
- Para que, pelo desapego aos bens passageiros, a comunidade cristã dê ao mundo o exemplo vivo de esperança nos bens eternos.

12. CANTO DO OFERTÓRIO

Minha vida tem sentido cada vez que eu venho aqui

E te faço o meu pedido de não me esquecer de ti.

Meu amor é como este pão que era trigo que alguém plantou, depois colheu

E depois tornou-se salvação e deu mais vida e alimentou o povo meu.

Eu te ofereço vinho e pão, eu te ofereço meu amor.

Minha vida tem sentido cada vez que eu venho aqui

E te faço o meu pedido de não me esquecer de ti.

Meu amor é como este vinho que era fruto que alguém plantou, depois colheu E depois encheu-se de carinho e deu mais vida e saciou o povo meu.

13. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Ó Deus, acolhei com misericórdia os dons que concedestes à vossa Igreja e que ela agora vos oferece. Transformai-os por vosso poder em sacramento de salvação.

14. CANTO DA COMUNHÃO

Eu tinha fome, fome de amor e meu Deus me alimentou,
Eu tinha sede de compreender e meu Deus me saciou.

Eu acredito que Jesus é nosso irmão e pra poder ficar conosco
Ele aceitou parecer pão.
Eu acredito que Jesus é o caminho e pra poder amar o povo
Ele aceitou parecer vinho.

Eu acredito nas palavras de Jesus que por amar a humanidade
Foi pregado numa cruz.
Eu acredito que Jesus é meu Senhor, com ele eu me identifico
E estou vivendo o seu amor.

Eu acredito que Jesus é nosso Deus, o Pai nos deu seu próprio Filho

Por amar os filhos seus.

Eu acredito neste Reino de perdão e ao receber seu corpo e sangue
Penso mais no meu irmão.

15. ORAÇÃO FINAL

Ó Deus, o vosso sacramento que acabamos de receber nos traga a salvação e nos confirme na vossa verdade.

16. CANTO FINAL

Eu vou voltar à cidade secular
E vou levar a paz que pude receber,
Vou proclamar na cidade secular
Que nada satisfaz senão a tua paz.

A tua paz tem mais amor, o teu amor tem mais perdão,
Não quero a paz que só se faz depois que o irmão matou o irmão.

A paz que o teu amor deixou me ensinou a perdoar,

A paz que o mundo legou não tem amor pra me ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Ez 1,2-5.24-2,1a; Mt 17,21-26 / *terça-feira:* Ez 2,8-3,4; Mt 18,1-5.10.12-14 / *quarta-feira:* Ez 9,1-7; 10,18-22; Mt 18,15-20 / *quinta-feira:* Ez 12,1-12; Mt 18,21-19,1 / *sexta-feira:* Ez 16,1-15.60.63; Mt 19,3-12 / *Sábado:* Ez 18,1-10.13a.30-32; Mt 19,3-12.

PARA A SUA REFLEXÃO:

ELA NASCEU CATÓLICA COMO NASCEU BRASILEIRA

O ônibus rolava a oitenta pela Dutra. Às 11,30 h do domingo estava quase vazio. Abro o jornal e a mocinha ao lado, de rabo de olho, pega carona nas notícias.

— Quer uma parte do jornal para ir lendo?

— Não, eu estava só olhando ali onde fala de espiritismo.

— Acredita em espiritismo?

— Agora estou acreditando.

Quebrado o gelo, Judite conta um pouco da sua história. Nasceu na "lei Católica", numa família que não praticava. "Acho que nasci católica como todo mundo, mas aos 14 anos passei para a lei dos crentes, por causa de uma irmã mais velha". Durante uns cinco anos, pagou a sua salvação segundo a "lei dos crentes": não bebia, não fumava, não dançava nem usava roupa curta; não jogava nem loteria esportiva. Depois se cansou de tanta força de vontade. Não agüentava mais ouvir que "crente não pode errar, que crente, para ser crente mesmo, tem de proceder bem". Cansou-se de pagar este caminho de salvação a troco de não dançar e outras coisas nas quais não via nada de mal.

— "Sabe de uma coisa? Os crentes são muito cheios de si. Não gosto mais deles. Por que pensam que só eles estão salvos? Só Deus sabe quem é que está salvo! Agora estou frequentando sessão. É pra fazer limpeza das obras da carne. A gente vai à sessão pra fazer limpeza. O espírito baixa, leva toda a sujidade e depois a gente agradece a Deus pela luz que veio de Jesus".

Depois que o ônibus me deixou na Praça Mauá, fiquei pensando nessa mocinha. Uns 19 ou 20 anos e já estava na

terceira religião. É bem o símbolo do homem inquieto e sem caminho dos nossos tempos, sujeito a muitas mensagens de salvação, sem saber direito para onde ir. Religião em nossos dias não é mais realidade tranqüila. Já não basta nascer católico como se nasce brasileiro. Em nosso mundo, religião é religião em crise, isto é, religião que está à procura e se interroga. Os que não encontram a resposta adequada terminam "perdendo a fé".

No fundo, há uma fome insatisfeita na procura de Judite. Nasceu na "lei Católica", passou na "lei dos crentes" e estava experimentando a "lei espírita". Ora, a lei é elemento exterior e ordem que vem de cima, à qual Judite segue sem entender. Foi batizada sem entender, comungou sem entender, praticou devoções sem entender, frequentou o culto sem entender e recebe as purificações do espiritismo sem entender.

Judite, a verdade não se manifesta na lei mas na vida. Verdadeira religião não é uma "lei dos crentes ou dos católicos". A verdadeira religião nasce do coração, das convicções pessoais e da vida fraterna em comunidade. Ao ouvir você, pensei no diálogo de Cristo com a Samaritana, à beira do poço:

— Nós seguimos a Lei do Monte Garizim, os judeus seguem a Lei de Jerusalém. Que Lei afinal devo seguir?

— Crê em mim, mulher, dia virá em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. Você, Judite, é mais uma samaritana aflita, à beira do poço, mais atropalhada ainda pelo imenso barulho que se faz e que não deixa a sua casa em silêncio.